

POR UMA TOPOANÁLISE DO ROMANCE DOM CASMURRO DE MACHADO DE ASSIS

Sidney Barbosaⁱ (UnB)
Jorge Leite de Oliveiraⁱⁱ (UnB)

Bachelard (2000), em 1957, criou o neologismo *topoanálise* com o significado de “estudo psicológico e sistemático dos locais da vida íntima”, que, no Brasil, Osman Lins (1976) expande da poesia à prosa, e Borges Filho (2007), amplia para as possibilidades de uma análise da construção do espaço, na obra literária, de modo mais amplo possível, observando estrutura e assuntos do texto a ser analisado. Objetiva-se, aqui, analisar como Machado de Assis trabalha o binômio espaço-literatura do ponto de vista estrutural, simbólico e ideológico. O enfoque metodológico, nesta pesquisa, abordará os aspectos gerais da *topoanálise* aplicados ao romance *Dom Casmurro* de Machado. Os resultados defluem da análise de duas características básicas da topografia literária da obra: 1) as funções do espaço; e 2) as relações enigmáticas do espaço com o enredo. Conclui-se pela visão pessimista machadiana oculta na ambiguidade de interpretação do romance.

Palavras-chave: topoanálise, *Dom Casmurro*, espacialidade.

1 Introdução

Topoanálise é um neologismo criado por Bachelard (2000), com o significado de “estudo psicológico e sistemático dos locais da vida íntima” e, segundo Borges Filho (2007), é a construção do espaço literário do modo mais amplo possível, observando estrutura e assuntos do texto analisado. No Brasil, entre outros, destacam-se pelo estudo do espaço Osman Lins e Oziris Borges Filho. Este trabalho está inserido numa pesquisa mais ampla, sobre a topoanálise, objeto de nossa tese sobre a exploração dos espaços romanescos nas últimas obras machadianas como afirmação de seu desencanto ante a situação política e socioeconômica de sua época. Nele, pretendemos demonstrar o modo criativo de Machado de Assis representar, espacialmente, o simbolismo de uma época de grandes mudanças nos aspectos industriais e sociopolíticos, que o deixavam apreensivo quanto ao futuro do Brasil.

Nas aventuras e desventuras de Bento Santiago e Capitolina, não está em jogo apenas a caracterização de uma sociedade machista, que dirigia seu olhar somente para os fatos apresentados pelo homem, em relação à mulher. Há na história, narrada em primeira pessoa pelo agora D. Casmurro, uma ambiguidade em relação ao próprio regime, que o narrador põe em dúvida, nas entrelinhas dos acontecimentos.

Quem desejasse a mudança do regime Monárquico para o da República que fosse viver em outros continentes, como o europeu, onde esta já se instalara há séculos, como ocorria na Suíça, para onde Capitu foi *deportada*. Talvez assim, os que se compraziam com a Monarquia pudessem continuar desfrutando, aqui, dos ares bucólicos de um país governado pela realeza conservadora das tradições de um governo teocrático, cujo poder divinatório estava nas mãos da nobreza e cujo domínio espiritual se situava nos dogmas e cânones da Igreja Católica. É o que podemos inferir do simbolismo presente no *exílio* de Capitu e seu filho para a Europa.

2 Topoanálise de Dom Casmurro

Abordaremos, neste capítulo, aspectos relacionados à topoanálise. Para tal escopo, analisaremos o conteúdo exposto no macro e no microespaço (topografia literária), as funções do espaço e sua relação com o enredo da obra.

2.1 Topografia literária

Em *Dom Casmurro*, temos dois macroespaços: o do Rio de Janeiro, no Brasil, onde se processam os acontecimentos mais importantes, e o da Europa e países citados como a Suíça, em especial, a Grécia, o Oriente Médio: Egito, Palestina (Jerusalém). Capitu viveu e morreu na Suíça. Nas imediações de Jerusalém, morreu Ezequiel, filho único de Capitu, quando fora aos demais países a trabalho, após breve visita ao “pai”, Bento Santiago, no Rio de Janeiro. Os demais espaços, tais como bairros, ruas, casas, cômodos, janelas, móveis e demais objetos e locais representam, na narrativa desse romance, os microespaços.

À época do *desterro* de Capitu e seu filho, o que ocorreu em 1872, o Brasil, que tinha o Rio de Janeiro como sede, era um governo monárquico, cujo imperador era um *Mecenas* (Mecenas — 60 a.C. a 8 d.C— foi um cidadão romano da época imperial. Político e estadista, ficou conhecido em seu tempo por patrocinar artistas e escritores, como Virgílio e Horácio.), protetor das artes. Viviam-se, no país, um período de relativa tranquilidade, embora os movimentos abolicionistas já se fizessem fortes.

A Suíça, para onde Bento Santiago expulsou Capitolina com o filho Ezequiel é uma das mais antigas Repúblicas do mundo, fundada em 1º ago. de 1291. Machado era a favor da monarquia no Brasil. Daí ser natural seu personagem-narrador enviar a família rejeitada para uma nação onde a República fosse o regime de governo. Esse país é menor que o Rio de Janeiro, capital brasileira da época, que tem a extensão territorial de 43.910 km² (pop. atual: 15 milhões). Já a Suíça possui um território de 41.285 km² (pop. atual: aprox. 8.000.000 de habitantes). Era compreensível que, à época, fosse economicamente bem mais próspera que a cidade e o próprio país de Machado de Assis; nação nova, que sonhava em se tornar uma grande potência no futuro, mas predominantemente agrícola no século XIX.

Jerusalém, país onde morreu de febre tifoide Ezequiel, é a cidade santa, onde Jesus viveu. Simboliza a bondade natural do filho, que tudo perdoava ao “pai”.

Na topoi-análise de *Dom Casmurro*, do ponto de vista estrutural, simbólico e ideológico vamos observar dois aspectos: as funções do espaço e as relações entre espaço e enredo.

2.2 Por uma topoi-análise...

Publicada em livro no ano de 1900, mas com data de 1899, a história tem início em 1858, época do Segundo Império no Brasil.

A narração é feita na residência de Dom Casmurro, no Engenho Novo, Rio de Janeiro. Logo no início do cap. 1, temos o seguinte: “Vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu”. A expressão “um conhecimento de chapéu”, ou era corrente à época, ou foi copiada de José de Alencar (1992, p. 68).

Muito utilizado pelos homens, no século XX, o chapéu é o “símbolo do poder”. Também simboliza a cabeça, o pensamento, a identificação de alguém. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2011).

O narrador reproduz, no Engenho Novo, a casa em que foi criado, na rua de Mata-cavalos. Passa então à descrição da *espacialização* franca do lar em que morou: “[...] é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas”. *Espacialização* é o termo utilizado Borges Filho, em substituição a *ambientação*, vocábulo proposto por Osman Lins para descrever o modo de interação do personagem com o espaço.

Segundo Bachelard (2000; p 26), “[...] a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”. A própria casa é “imaginada como um ser vertical”, é “um dos apelos à nossa consciência de verticalidade” e que também nos proporciona a “consciência de centralidade”. (id., p. 36)

Diz ainda Bachelard (2000, p. 74) que, “por vezes, a casa do futuro é mais sólida, mais clara, mais vasta que todas as casas do passado. No oposto da casa natal, trabalha a imagem da casa sonhada”. E, para Dom Casmurro, tal fato concretizara-se, quando, ainda no início da narrativa; ele diz despreocupadamente:

A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei [...]. O mais do tempo gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal. [...] Quis variar, e lembrou-me escrever um livro.” Temas imaginados: jurisprudência, filosofia e política ou uma “História dos Subúrbios”.

Sobrado é o que está por cima, que demonstra superioridade, como se deduz das seguintes palavras do narrador, pouco adiante: “Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra cousa [...]”.

As três janelas remetem-nos às três janelas do templo de Jerusalém: correspondendo ao oriente, ao sul e ao ocidente (*Dic. de símbolos*. Janela).

A obra é narrada do Rio de Janeiro, mas veremos que, no final do romance, Capitu vai para a Suíça, país europeu, que corresponde ao ocidente; seu filho Escobar sai da Europa e vai para o Oriente, em pesquisas arqueológicas e acaba morrendo de febre tifoide às portas de Jerusalém; e Bento Santiago, o Dom Casmurro, passa o resto de sua vida onde sempre quis, na então capital do Brasil, país situado na América do Sul.

Varanda ao fundo, alcovas (quartos) e salas são os demais espaços em que transitaram os personagens da história, na casa de Mata-cavalos, cuja influência foi marcante na vida de Bento Santiago (Bentinho) e Capitolina (Capitu). Exemplos:

1) o quarto de D. Glória, mãe de Bentinho. Esse espaço exercia grande influência sobre a personalidade do adolescente, em especial quando a mãe lhe falava de sua promessa em enviá-lo para o seminário e torná-lo padre (ideologia religiosa). No quarto da mãe, à luz de uma vela acesa por ela, Bentinho não tem coragem de contrariar a promessa materna, que lhe lembra ainda de suas brincadeiras de padre em criança. A vocação, dizia ela, viria depois.

2) A varanda foi o espaço das reflexões e angústias de Bentinho a respeito da conversa ouvida, entre sua mãe, José Dias, o agregado, o tio Cosme e prima Justina, quando o agregado falara que vira o jovem pelos cantos da casa em segredinhos com Capitu.

Também na varanda, Bentinho tenta, sem sucesso, que a prima Justina dissuada D. Glória de mandá-lo para o seminário. A moça diz-lhe que não diria nada à mãe de Bentinho que não lhe fosse perguntado.

Outro espaço citado, por vezes, na obra, é o Passeio Público. Ali, no momento de sua angústia em tentar dissuadir a mãe de mandá-lo para o seminário, no dia seguinte à conversa sem resultado com Justina, Bentinho pede para José Dias falar com D. Glória que seu filho não queria ser padre e, sim, estudar leis em São Paulo.

José Dias convence Bentinho de que o melhor era tentar convencer a mãe deste para mandá-lo para a Europa, em sua companhia que, no íntimo, trabalhava em causa própria e, lá, aprender leis.

A natureza, nesse momento, não era favorável à pretensão do jovem. Junto à praia, no ar, havia pássaros negros (mau augúrio). Realmente, todas as tentativas foram inúteis, pois a mãe não desistia de cumprir sua promessa, que acabaria se concretizando, ainda que pelo período curto de um ano.

Há na obra várias outras intervenções intertextuais do narrador, como a da animização. Exemplo: fala do coqueiro que dizia não haver mal algum no namoro entre Bentinho e Capitu. De repente, o narrador, em seus devaneios de enamorado, começa a conversar com a árvore, que se faz sua amiga e defende o amor do casal de jovens (Cap. XII).

Um espaço importante, também, é o onírico. O jovem imagina-se em conversa com o Imperador (cap. XXIX), que passava, em carruagem, à frente do ônibus, em que estava com José Dias, e imagina-se pedindo a D. Pedro II para falar com D. Glória para não mandá-lo para o seminário e, sim, deixá-lo no Rio de Janeiro, mesmo, estudando medicina [...]. A mãe pergunta-lhe se quer ficar no Rio, Bentinho lhe responde que sim, se esse for o desejo materno. Em resposta, D. Glória afirma-lhe que o desejo de sua majestade é, para ela, uma ordem. Tudo isso, porém, não passou de imaginação do garoto.

Desse modo, sonhava acordado o menino burguês em permanecer ao lado de sua amada, filha de proletários; pois enquanto a viúva, mãe de Bentinho, possuía muitos bens materiais, a família de Capitu era economicamente muito modesta, como se depreende desse relato dele sobre a situação financeira do pai de Capitu: “Pádua era empregado em repartição dependente do Ministério da Guerra. Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco, e a vida era barata.” (cap. XVI). Já a mãe de Bentinho, filho único, possuía, além da casa de Mata-cavalos, onde moravam, “uma dúzia de prédios”, que alugara, e “certo número de apólices” (cap. VII).

No devaneio do garoto, prevalecia a vontade imperial sobre a promessa materna, ou seja, a supremacia do poder político sobre o religioso. O que Bentinho desejava mesmo era ficar no Rio de Janeiro, onde estava também sua amada Capitu. Aceitou, tempo depois, cursar Direito em São Paulo, mas nunca deixou de se corresponder com a jovem, que soube cativar a futura sogra.

O agregado José Dias, que não perdia a oportunidade de tentar viajar à Europa, na companhia de Bentinho, propôs-lhe ir a Roma pedir pessoalmente ao Papa a absolvição do jovem e de sua mãe, por não cumprir a promessa de se tornar padre.

Capitu e Escobar manifestaram-se de modos diferentes. A jovem, sem saber que um dia seu destino seria ser desterrada na Suíça, com o futuro filho, supostamente de Escobar, disse a Bentinho que se este fosse à Europa a esqueceria completamente. Como se sabe, acontece o inverso. Ele a desterra na Suíça, mas ela nunca o olvidou, como se pode constatar, mais tarde, após seu falecimento lá, pela conversa de Ezequiel com Bento: “A mãe falava muito em mim, louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo, o mais digno de ser querido” (cap. CXLV).

Já Escobar propôs ao amigo que iria falar à D. Glória para oferecer outro jovem para substituir Bentinho no convento e tornar-se sacerdote em seu lugar. Consultado o padre Cabral, amigo da família, este aprovou a ideia, mas somente após consultar o bispo.

No fim do ano, com pouco mais de dezessete anos, Bentinho sairia do seminário e iria para São Paulo, onde, aos vinte e dois anos, formar-se-ia bacharel em Direito.

Escobar casa-se com Sancha, amiga de Capitu, e esta contrai núpcias com Bento Santiago, com as bênçãos da igreja e de D. Glória.

O casamento de Bento e Capitu ocorreu numa noite chuvosa, que depois cessou e se abriu um céu estrelado. A vida do casal, entretanto, começou estrelada e terminou nublada, como se vê no final.

Passaram a residir próximos. Sancha teve uma menina, que crescia linda, mas Capitu não engravidava nem a troco de rezas e promessas. Moraram muito perto, nos últimos tempos, pois Escobar e Sancha mudaram-se do Andaraí para o Flamengo e os casais estavam sempre nas casas de ambos. Às vezes, porém, Bento encontrava o amigo Escobar sozinho com a esposa daquele, quando voltava do Tribunal, no exercício da advocacia. Um belo dia, até então, um dos mais felizes do casal, Capitu teve um lindo menino que, até os seis anos, foi o encanto dos pais. Mas Escobar morreu subitamente afogado, no mar, e as coisas mudaram. Já no enterro do amigo, Bento suspeitou dos olhares tristes e apaixonados de Capitu. Dizia ele que era como se sua esposa também se sentisse viúva, junto com a amiga Sancha.

O mar é o símbolo da vida, mas também da morte, da transformação. Quanto ao olho humano, representa o gradiente da visão, símbolo do conhecimento, e da percepção sobrenatural, mas também das percepções exteriores. A própria Capitu, um ano após a morte de Escobar, olha para o filho e diz ao marido que os olhos e as feições do menino pareciam-se muito com os do

amigo falecido. Nesse tempo, Sancha mudara-se para o Paraná, onde residiam seus parentes ainda vivos, pois seus pais já haviam falecido.

A partir da observação da mulher, a imagem dos olhos e das feições de Ezequiel não mais abandonariam o narrador. Até que um dia, já não aguentando mais a repulsa pelo filho e a desconfiança da mãe deste, pensa em suicidar-se; muda de ideia e manda mulher e filho para a Suíça, aonde vai duas ou três vezes, porém não procura a família na Europa, pois sua intenção era fingir para os familiares e amigos, no Rio, que estava tudo bem, mas punir a esposa pela suspeita não provada de sua infidelidade.

Alguns anos após, Capitu falece e seu filho, já formado em Arqueologia, visita Bento, com quem passa seis meses. Em seguida, viaja novamente para a Europa, com a intenção de ver as ruínas da Grécia, do Egito e da Palestina. Ao chegar ao destino final, Ezequiel morre de febre tifoide e é enterrado nas proximidades de Jerusalém. Ou seja, o corpo da esposa fica na Europa, o do filho no Oriente e Bentinho, agora com 54 anos, à época considerado idoso, fica mesmo é onde sempre quis estar, no Brasil, curtindo a vida no regime que o autor da obra sempre apoiou: a Monarquia.

3 Machado de Assis: um homem do seu tempo

No século XIX, a burguesia atinge seu auge, no mundo ocidental (BARBOSA, 2005, p. 4). É no âmago dessa sociedade em transformação que Machado busca inserir seus personagens, com os conflitos resultantes de uma sociedade que deseja ser independente socioeconômica e politicamente. No romance em análise, está presente o conflito de classes, mas também o de ideologias, como tentamos demonstrar neste artigo. O tema de *Dom Casmurro* não é o da traição ou não de Capitu, e sim sobre a dúvida. Trazendo a análise para o campo da ideologia política, o autor se identifica com o narrador no sentido de mostrar seu desencanto com a modernidade e seu pessimismo em relação à mudança brusca de regime político em nossa jovem nação.

Conclusão

A obra expressa, enfim, o conflito da época entre os aspectos político, religioso e ideológico, e seu autor demonstra o pessimismo que tem em relação às mudanças já iniciadas no país com a proclamação da República, uma vez que, embora a narrativa indique fatos ocorridos nos anos de 1857 a 1872, o livro foi publicado em 1900, quando o indesejado regime republicano já estava instalado no Brasil. Tudo isso é representado, simbolicamente, pelas funções dos espaços na narrativa e sua relação com o enredo do romance. Machado demonstra, como poucos, uma incrível capacidade de relação entre espaço, enredo e narratologia, com vistas a expressar sua visão pessimista sobre o futuro político e social de nosso país. Tanto é assim que, ao final da narrativa, ironiza: “Vamos à história dos subúrbios”; ou seja, o Brasil, não passava, ainda, de uma nação secundária ante os demais países do primeiro mundo; e de futuro político incerto.

Referências

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1992, p. 68.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1971, v. 1.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 5. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Sidney. *A representação da natureza no romance francês do século XIX*. 2005. 231 f.

Tese de livre-docência em crítica e história do romance. Araraquara, SP: Universidade Estadual Paulista — UNESP.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço & literatura: introdução à toponálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Ed., 2007.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 20. ed. Tradução Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

OLIVEIRA, Luciano. Que cazzo é esse? Disponível em: <http://quecazzo.blogspot.com.br/2008/06/o-amor-dura-onze-contos-de-ris-breves.html>. Acesso em 5 de julho de 2013. (Prof. do Departº de Ciências Sociais da UFPE; email: jlgo@hotmail.com.br.)

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ⁱ Sidney Barbosa. Prof. Dr. Livre-docente em Literatura e Práticas Sociais
Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Teoria Literária e Literatura – Pós-Grad.
E-mail: sidney@unb.br

ⁱⁱ Jorge Leite de Oliveira. Doutorando em Literatura e Práticas Sociais
Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Teoria Literária e Literatura – Pós-Grad.
E-mail: jojorgeleite@gmail.com